

O CUIDAR COMO PROFISSÃO DAS MULHERES: ENSINO SUPERIOR E REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NA TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE EDUDÉSIA VIEIRA

CARING AS A WOMEN'S PROFESSION:
HIGHER EDUCATION AND GENDER RELATIONSHIPS IN THE INTELLECTUAL TRAJECTORY OF EUDUESIA VIEIRA

CUIDANDO COMO PROFESIÓN DE UNA MUJER:
UNA EDUCACIÓN SUPERIOR Y RELACIONES DE GÉNERO EN EL CAMINO INTELECTUAL DE EUDUESIA VIEIRA

Amanda Sousa Galvinctio*, Jean Carlo de Carvalho Costa
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil. *Autora para correspondência.
E-mail: amanda_galvinctio@hotmail.com

Resumo: Na transição do século XIX para o século XX poucas foram as mulheres que tiveram acesso ao ensino superior. Neste artigo, investigamos a trajetória intelectual de Eudésia Vieira: a primeira médica paraibana, formada em 1934. O estudo utilizou fontes (auto)biográficas e artigos de jornais. Diante disso, é possível indicar três elementos comuns nas trajetórias das primeiras médicas brasileiras: 1) as dificuldades enfrentadas por elas no contexto político e cultural do período, 2) a profissão docente como a primeira atividade realizada no espaço público e 3) a medicina como profissão para cuidar de outras mulheres e das crianças. Além disso, Eudésia Vieira fez parte do grupo de intelectuais católicas que ascenderam na imprensa para propagar os ideais reformistas de cunho cristão.

Palavras-chave: educação, emancipação feminina, reforma social.

Abstract: In the transition from the 19th to the 20th century, few women had access to higher education. In this article, we investigate the intellectual trajectory of Eudésia Vieira: the first female doctor from Paraíba formed in 1934. The study used biographical sources and newspaper articles. Therefore, it is possible to indicate three common elements in the trajectories of the first Brazilian doctors: 1) the difficulties faced by them in the political and cultural context of the period, 2) the teaching profession as the first activity carried out in the public space and 3) medicine as profession to care for other women and children. In addition, Eudésia Vieira was part of the group of Catholic intellectuals who rose in the press to propagate Christian reformist ideals.

Keywords: education, female condition, social reform.

Resumen: En la transición del siglo XIX al siglo XX, pocas mujeres tuvieron acceso a la educación superior. En este artículo, investigamos la trayectoria intelectual de Eudésia Vieira: la primera doctora de Paraíba, graduada en 1934. El estudio utilizó fuentes (auto) biográficas y artículos periodísticos. Ante esto, es posible indicar tres elementos comunes en las trayectorias de los primeros médicos brasileños: 1) las dificultades que enfrentan en el contexto político y cultural de la época, 2) la profesión docente como la primera actividad realizada en el espacio público y 3) la medicina como profesión para cuidar a otras mujeres y niños. Además, Eudésia Vieira era parte del grupo de intelectuales católicos que se alzaron en la prensa para propagar los ideales reformistas cristianos.

Palabras clave: educación, condición femenina, reforma social.

INTRODUÇÃO

Nas escolas públicas, as mulheres, para prevenir contra os erros provocados pela ignorância, deveriam aprender os elementos da anatomia e da medicina, não apenas para capacitá-las a cuidar da própria saúde, mas também para fazer delas enfermeiras racionais de filhos, pais e maridos, uma vez que, pois a lista de mortalidade é engrossada pelos desatinos das velhas obstinadas que ministram suas próprias drogas, sem conhecer nada da estrutura humana (Wollstonecraft, 2016, p. 228).

A epígrafe selecionada foi retirada do manuscrito *Reivindicação dos direitos das mulheres*, da autora Mary Wollstonecraft, escrito em 1792¹. O texto buscava chamar a atenção para a condição feminina no período da Revolução Francesa: ora desprezada, ora secundarizada nas principais bandeiras do movimento (Garcia, 2011). Wollstonecraft (2016) apresentou um programa de estudo para ser ofertado ao sexo feminino, incluindo a medicina como conhecimento fundamental para as mulheres.

Sobre o ensino da medicina, compreendemos que o argumento proposto por Wollstonecraft (2016)², por um lado, transformava-se em instrumento de empoderamento feminino, pois retirava as mulheres do lugar de vulnerabilidade em que viviam, derivadas das suas especificidades biológicas e das condutas intuitivas das mais antigas; por outro lado, reiterava a identidade universal das mulheres que lhes conferia a dimensão naturalizada do cuidado com o próximo, por sua experiência com a maternidade e os afazeres domésticos (Louro, 2014).

Este artigo se insere no debate sobre o processo de emancipação feminina que ocorreu durante o século XIX e na primeira metade do século XX no Brasil. A luta feminista estava imbricada com questões políticas, ideológicas e históricas, nas quais as mulheres buscavam se inserir como agentes de ação política, portanto, intelectuais (Alonso, 2002; Sirinelli, 2003; Gomes & Hansen, 2016).

O feminismo deve ser compreendido como um movimento plural, mesmo em se tratando do século XIX e início do século XX. As atuações das mulheres corresponderam às identidades plurais, atravessadas pela nacionalidade, classe social, grau de escolarização, religião, sexualidade e etnia, contudo a bandeira da

¹ Nesse período a francesa Olympe de Gouges escreveu também a *Declaração dos direitos das mulheres e das cidadãs*, em 1793. Esses dois textos são considerados a base do feminismo moderno (Garcia, 2011).

² As ideias de Wollstonecraft (2016) tiveram penetração no ambiente intelectual no Brasil por meio da tradução livre realizada por Nísia Floresta (Duarte, 2010). A primeira versão do texto foi publicada na cidade de Recife, no ano de 1832. Depois foi editado na cidade de Porto Alegre, em 1833 e ainda teve uma terceira edição veiculada no Rio de Janeiro pela Casa do Livro Azul que anunciava na imprensa a venda por 500 réis, no ano de 1839 (Telles, 2011). Na Paraíba, Catharina Moura retomou as ideias de Wollstonecraft na conferência *O direito da mulher*, em 1913 (Galvêncio, Espindola, & Costa, 2018).

educação pode ser um ponto de convergência das diversas pautas feministas em curso (Garcia, 2011; Louro, 2014).

Na esteira dessas problematizações, investigamos uma das facetas intelectuais de Eudésia Vieira³, uma personagem feminina que se destacou no cenário cultural do Estado da Paraíba, na primeira metade do século XX. Nesse sentido, buscamos compreender o que a levou a se tornar uma intelectual mediadora da condição feminina no período (Gomes & Hansen, 2016). Para tanto, discutimos dois elementos fundamentais, a saber, 1) o itinerário de formação educacional, particularmente, quando se formou na faculdade de medicina e 2) o repertório científico e religioso que utilizou para se legitimar nos espaços públicos. A pesquisa se debruça sobre textos (auto)biográficos e os veiculados na imprensa que trataram da sua trajetória.

Os textos (auto) biográficos que utilizamos foram fundamentais para compreendermos as redes de sociabilidade e a formação educacional de Eudésia Vieira. Essas produções nos ajudam a lançar luz sobre o que foi registrado antes da nossa pesquisa. Dessa forma, auxilia-nos também a entender como sua imagem foi produzida pela historiografia paraibana dos grandes personagens (Borges, 2006; Gonçalves, 2006). Com isso, buscamos, nessa tradição de escritos, inserir nossa interpretação sobre sua participação no cenário cultural e educacional da Paraíba (Bourdieu, 1998; Gadamer, 2008; Sirinelli, 2003).

Em relação ao tratamento dos jornais como fontes, destacamos que as pesquisas que os utilizam podem identificar o modo de produção e circulação dos textos, as atividades desenvolvidas pelos/as intelectuais na imprensa e a configuração do cenário educacional que se desenhava no Brasil no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Nesse período, a imprensa pode ser pensada como um lugar privilegiado de disseminação da cultura educacional, servindo como espaço educativo juntamente com a escola, no qual o público entrava em contato com as tendências culturais em voga (Campos, 2009, 2012).

A palavra impressa é um elemento importante para se pensar a questão histórica e educacional no Brasil, como também o lugar social ocupado pelas mulheres escritoras do período. Essas produções se tornam uma ferramenta importante, pois os/as intelectuais assumiram para si, quase que de modo obsessivo, a missão de civilizar o povo brasileiro (Gomes, 2009). No caso da atuação das mulheres intelectuais, particularmente, a civilização teria sido completa de fato se a sociedade as incorporasse como sujeitos ativos desse processo (Galvêncio, 2019).

Sales e Silva (2008) sugerem que a prática da medicina na trajetória intelectual de Eudésia Vieira estava estreitamente relacionada à dimensão do ideal

³ Eudésia Vieira atuou como professora, médica, jornalista e historiadora na Paraíba. Nasceu em 08 de abril de 1894, no povoamento de Livramento, município paraibano de Santa Rita, situado na intitulada 'grande João Pessoa', capital da Paraíba, e faleceu em 16 de julho de 1981.

feminino em voga do cuidar e da caridade. Para tanto, as autoras defenderam dois argumentos: primeiro se referem ao cuidar como ontologia feminina e feminista na crítica literária e, segundo, ratificavam que o cuidar pertencia à tradição de mulheres professoras e médicas.

A interpretação hermenêutica que realizamos sobre a inserção de Eudésia Vieira no campo profissional da área médica não discorda do apontamento de suas biógrafas. Esses são dados relevantes e também podem ser encontrados nos textos produzidos pela personagem. No entanto, pretendemos ampliar o debate sobre o cuidar⁴, que foi histórica e socialmente incorporado na identidade feminina, problematizando a sua naturalização como sendo uma característica intrínseca à mulher.

As características da identidade femininas atreladas ao cuidado foram incorporadas a um discurso assumido pelos intelectuais, homens e mulheres, à época. Nesses termos, a maternidade, a docência e a medicina teriam essa particularidade por se tratarem de posturas de doação à vida de outras pessoas (Almeida, 2006; Duarte, 2010; Gomes, 2016). Ou seja, por um lado, Eudésia Vieira atravessou a fronteira da vida doméstica obtendo lugar de prestígio conseguido por poucas mulheres, por outro, o fez sem romper com as características desejáveis socialmente do gênero feminino. Trata-se de um personagem que aglutina complexidade e o contraditório presente em qualquer contexto histórico.

O presente artigo está dividido em três seções: na primeira, buscamos entender as ideias que circularam no período sobre a formação intelectual da mulher, a conformação dos cursos superiores no Brasil e a inserção feminina nas faculdades de Medicina no país; na segunda, nos debruçamos sobre o itinerário de formação de Eudésia Vieira, particularmente, na época em que foi estudante na Faculdade de Medicina do Recife, cruzando as fontes e as trajetórias de outras mulheres que se formaram em medicina no mesmo período; na terceira, investigamos o projeto de reforma social defendido por Eudésia Vieira, aproximando-a do grupo de intelectuais católicas. Em seguida, apresentamos como as ideias sobre a educação feminina ganharam espaço nos debates públicos.

MULHERES E MEDICINA: O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR

Durante os séculos XIX e XX a ciência médica se legitimava como verdade a ser seguida no Ocidente, ocupando o lugar do conhecimento que conduziria as nações ao progresso social e moral. Nesse contexto, a medicina também criava suas especialidades clínicas, mediante o argumento das diferenças entre os sexos e entre

⁴ É possível dizer que até os dias atuais o ato do cuidado é diretamente relacionado com o ideal de natureza feminina, inculcada na educação das meninas desde a mais tenra idade, influenciando nas escolhas das profissões na vida adulta (Louro, 2014).

as fases da vida humana. A ginecologia e a pediatria, portanto, ocupavam lugar de destaque, pois, além de tratarem do corpo feminino e suas especificidades, auxiliariam na concepção de filhos saudáveis, convertidos no ideal do futuro da nação (Martins, 2004; Carula, 2012).

Em períodos anteriores, as questões ligadas ao aparelho reprodutivo feminino eram delegadas aos cuidados das mulheres mais velhas, detentoras da experiência e seguidoras de métodos tradicionais, provindos da cultura popular. Com a mudança de paradigma que colocava a ciência no centro do conhecimento social, a saúde das mulheres passava a ser tratada pelos homens respaldados pela medicina em ascensão (Martins, 2004; Carula, 2012).

Constava na bibliografia médica da época que a mulher era inferior ao homem, mediante as premissas biológicas como a menstruação, a largura dos quadris, o tamanho do crânio e a predisposição à loucura. Desse modo, desqualificavam-se as mulheres para vida pública, restringindo-as aos atributos naturais como a maternidade, as tarefas domésticas e manuais, o apego à religiosidade em detrimento da racionalidade (Martins, 2004; Faria, 2010; Telles, 2011).

Martins (2004) argumenta que as obras de Schopenhauer, em particular o seu *Ensaio sobre as mulheres*, publicado pela primeira vez em 1880, e de Lombroso e Ferrero, *La donna delinquente* de 1896, serviram de base para argumentos dos médicos que atestavam a inferioridade física e intelectual das mulheres.

Schopenhauer teve como principal argumento a ideia de que a incapacidade feminina em relação aos homens se dava pelas diferenças intelectuais entre ambos. Dessa forma, o filósofo argumentava que a inclinação natural da mulher para cuidar dos outros correspondia à sua natureza infantil, sendo ela uma intermediária entre a criança e o homem.

Lombroso e Ferrero buscaram formular um estudo teórico e empírico sobre a mulher normal e a mulher criminosa, baseados na ideia de que a menstruação era um sintoma que as deixava inaptas para o trabalho físico e intelectual. Sendo assim, além de as mulheres serem irracionais, mentirosas, poderiam cometer delitos e até suicídios, dependendo das proporções das transformações físicas e psíquicas que sofriam nesse período (Martins, 2002; Faria, 2010).

Lombroso e Ferrero ainda concluíram que a vida civilizada de alguns países como Inglaterra e Estados Unidos poderia elevar o nível de inteligência das mulheres, aproximando-as dos homens. Com esse argumento, alinhavam-se com as noções evolucionistas em voga, que tratavam a educação como regeneração social e as instituições sociais como motor do progresso (Martins, 2004; Faria, 2010).

Diante dessa realidade hostil às capacidades intelectuais das mulheres, a educação feminina foi a primeira bandeira hasteada pelo movimento feminista, especialmente no século XIX e no século XX. Com isso, procurava-se atestar que a

falta de inabilidade científica e política das mulheres era consequência da escassa instrução que recebiam. A questão da natureza biológica era revogada pelo desprezo que se dava à educação feminina (Garcia, 2011; Telles, 2011; Louro, 2014).

Na esteira desse debate e enfrentamento das mulheres pela educação, situamos a trajetória intelectual de Eudésia Vieira. Ou seja, foi em meio às primeiras lutas feministas, estas que trouxeram a educação das mulheres à baila, que a personagem, depois de atuar como professora, ingressou na Faculdade de Medicina de Recife, nas primeiras décadas do século XX. Eudésia Vieira concluiu o curso da Escola Normal da Paraíba em 1917 e foi professora primária concursada pelo Estado.

O ensino superior no Brasil passou a existir, apenas, com a chegada da família real, em 1808. Em detrimento da instalação de universidades, foram abertas cátedras isoladas de ensino superior (Cunha, 2010; Schumacher & Ceva, 2015). Nesse período, poucas foram as mulheres que conquistaram esse espaço de ensino, apesar do decreto nº 7.247, sancionado por dom Pedro II, no ano de 1879, autorizando a presença feminina nos cursos superiores. A escassa procura das mulheres teve como pano de fundo a pouca oferta desse nível de ensino no Brasil, mas, principalmente, foi derivada da conformação cultural de sua desqualificação intelectual (Martins, 2004; Schumacher & Ceva, 2015).

Schumacher e Ceva (2015) referenciam a contribuição da carioca Maria Augusta Generoso Estrela e da pernambucana Josefa Águeda Felisbela Mercedes de Oliveira. As duas personagens contribuíram para a efetivação do acesso das mulheres às faculdades existentes no período. Dessa forma, ambas, impossibilitadas de frequentar esses estabelecimentos no Brasil, se conheceram em Nova Iorque, no *New York College and Hospital for Women*, onde concluíram o curso de Medicina, em 1881, e fundaram o jornal literário *A Mulher*. O impresso tinha como objetivo enfatizar a importância da educação das mulheres em todos os níveis de ensino.

Nesse período, Rita Lobato Velho Lopes (1866-1954) se formava em Medicina, sendo a primeira brasileira a obter o título pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1887. Contudo, para frequentar as aulas, era acompanhada pelo seu pai e se sentava numa cadeira separada dos seus colegas homens. Numa experiência similar, Armelinda Lopes de Vasconcelos (1866-1952), formada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1888, assistia às aulas em companhia da sua mãe (Martins, 2004; Schumacher & Ceva, 2015).

Apesar do contexto desfavorável à inserção das mulheres no ensino superior, Rita Lobato Velho Lopes e outras colegas, ao se transferirem para faculdade da Bahia, foram bem recebidas pelos professores e colegas que as convidavam para festas, cafés e passeios. Enquanto isso, Armelinda Lopes de Vasconcelos participou de diversos congressos e eventos médicos na Europa, abrindo clínica em Niterói para senhoras e crianças (Martins, 2004).

No Brasil, o regime republicano foi marcado pelo processo de expansão do ensino superior nacional, houve aumento das unidades de ensino e da facilitação das regras de admissão. Esse fato contribuiu para a expansão dos cursos superiores e ingressos de novos/as alunos/as (Cunha, 2010). De certo modo, essa iniciativa incluiu maiores chances de as mulheres galgarem esse nível de ensino. Entretanto, Schumacher e Ceva (2015, p. 49) destacaram que, ainda nas primeiras décadas do século XX, as mulheres continuaram lutando pelo acesso ao ensino superior, numa realidade em que poucas foram as que conseguiram obter diplomas:

Embora oficialmente aceitas para graduação, poucas se matricularam em algum curso de nível superior. As barreiras de gênero continuavam a provocar desmotivação e impedimentos. As mulheres estarem fora da casa e estudando significava menos tempo dedicado ao lar e à família, o que era inaceitável, no contexto da época, porque deviam obediência a seus esposos.

Nesse cenário, em 1929, Eudésia Vieira ingressou na Faculdade de Medicina do Recife, juntamente com outra paraibana, Neusa Andrade. Ambas foram as primeiras mulheres médicas da Paraíba e a concluírem o referido curso na faculdade do Recife (Medeiros, 2014).

Eudésia Vieira, como atestaram os estudos anteriores ao nosso, enfrentou preconceitos da época para a obtenção do diploma, inclusive a insatisfação do marido, José Taciano da Fonseca Jardim, com quem teve 14 filhos, dos quais somente cinco sobreviveram: João Batista, Leôncio, Marcílio, Celeste e Maria do Brasil. Por causa das especificidades da sua condição feminina, precisou trancar o curso algumas vezes em razão da jornada tríplice que levava: mãe, esposa e professora (Pereira, 2007; Sales & Silva, 2008; Medeiros, 2014).

No jornal *Brasil Feminino*, de maio de 1933, Lylia Guedes assinou a matéria ‘A mulher Parahybana: seu desenvolvimento intelectual’, em que apresentou o perfil de diversas intelectuais do Estado, entre estas, Eudésia Vieira. Guedes (1933, p. 71, grifo do autor), ao falar da sua personalidade, exaltou seu esforço por conciliar os papéis tradicionais com a aspiração da mulher moderna:

Eudésia Vieira, professora e acadêmica de medicina, é outra joia da intelectualidade feminina parahybana. Cursa actualmente o 5º ano da Faculdade – o que no seu caso particular de esposa e mãe – é a prova evidente de uma vontade de ferro a serviço de um grande talento. Já publicou um livro de versos: ‘Cirrus e Nimbus’ e um de História da Parahyba para usos das escolas deste Estado [...].

Sobre o assunto, Schumacher e Ceva (2015) concluem que as mulheres, para poderem se candidatar nos cursos superiores, tinham como condição a licença de algum homem da família a que pertenciam: para as solteiras, era necessária a autorização do pai e, para as casadas, a do marido.

Para os estudos anteriores ao nosso, a obtenção do diploma em ciências médicas foi o apogeu da rebeldia e excepcionalidade na trajetória intelectual de Eudésia Vieira (Pereira, 2007; Sales & Silva, 2008; Barbosa, 2009; Medeiro, 2014; Medeiro, 2017). Além disso, estes autores corroboram a ideia da vocação para o cuidar, antes com as crianças, exercendo o magistério, e, posteriormente, sendo revelada pela dedicação à medicina, tendo nessa profissão um apostolado.

Nossa interpretação hermenêutica considera que o exercício da medicina na trajetória intelectual de Eudésia Vieira não significou uma excepcionalidade intelectual, mas um movimento ou uma tendência crescente durante a transição do século XIX ao século XX, em que as mulheres, paulatinamente, começaram a ocupar espaços na vida pública e científica. Se aceitarmos Eudésia Vieira como uma mulher à frente do seu tempo, como ressaltaram Sales e Silva (2008), ratificaremos que o lugar da ciência pertenceu apenas a poucas mulheres iluminadas (Gadamer, 2008; Louro, 2014).

Dessa forma, compreendemos que esse feito deve ser considerado como um movimento de conquistas femininas e feministas, pois negá-lo é perder de vista a historicidade da condição feminina numa sociedade ainda hostil às conquistas das mulheres. Nesse sentido, Eudésia Vieira contrariou as regras sociais impostas, especialmente da medicina moderna que construiu todo um aparato científico que justificava biologicamente a inferioridade das mulheres (Martins, 2004; Telles, 2011; Louro, 2014).

Diante disso, Eudésia Vieira, ao entrar na galeria de médicas brasileiras que atuaram nesse cenário de disputa sobre as capacidades femininas, personificou as conquistas das mulheres no século XX (Pinsk & Pedro, 2012) e, com isso, fez do exercício da medicina mais uma estratégia de legitimação social.

Para tanto, destacamos dois episódios significativos no período em que Vieira foi aluna da Faculdade de Medicina do Recife, também buscamos cruzar como sua trajetória se assemelha às de outras médicas formadas no mesmo período, como Itala Silva de Oliveira (1897-1984) e Alzira Reis (1886- 1970).

DA DOCÊNCIA À MEDICINA

Eudésia Vieira, ao iniciar o curso de Medicina, era uma professora reconhecida no cenário intelectual do Estado. No período, era articulista do jornal oficial do governo, *A União*, do jornal católico, *A Imprensa*, e do impresso da Associação dos Professores Primários da Paraíba, *O Educador*. Além desses, também

escreveu para a moderna revista *Era Nova* e para *Revista do Ensino* que veiculava as ideias da Escola Nova no Estado paraibano.

A personagem ainda fez parte de espaços de sociabilidade intelectual importantes nos meios cultural, político e educacional da Paraíba, sendo a primeira mulher aceita como sócia do Instituto Histórico Geográfico Paraibano. Ainda figurou como integrante da Associação dos Professores Primários da Paraíba e no movimento noelista⁵. Na época, também publicou um livro didático adotado nas escolas primárias do Estado, *Pontos de história do Brasil*, que teve mais de sete edições consecutivas.

Contudo, sobre sua atuação no campo médico, é importante destacar que a rede de sociabilidade constituída nessa área nos parece não ter sido tão bem-sucedida como as realizadas no campo da educação. A própria escassez das fontes sugere que, apesar dos seus esforços em se tornar médica, Eudésia não conseguiu mobilizar redes de sociabilidades suficientes, como a que realizou no campo dos debates sobre educação, cultura e religião.

Sobre os espaços intelectuais de compartilhamento de ideias dos médicos na Paraíba, buscamos, no arquivo histórico do Instituto Histórico Geográfico da Paraíba, material que nos possibilitasse compreender o período. Na consulta realizada, encontramos dois periódicos cujos objetivos eram divulgar estudos realizados pelos médicos paraibanos sobre doenças e sobre a higiene no Estado.

O primeiro foi o jornal da ‘Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba do Norte’, entidade atuante na primeira metade do século XX, dirigida pelos Drs. José Magalhães, Newton Lacerda e Lorival Moura. O espaço agregava médicos de diversas cidades paraibanas. O segundo circulou na década de 1930, denominado de *Revista Médica da Paraíba*, cuja publicação era bimestral, com sede localizada na rua Visconde de Pelotas, na capital paraibana, e estava sob a direção do Dr. José Magalhães.

Contudo, não localizamos nessas fontes nenhuma mulher como articulista ou sócia, nem mesmo Eudésia Vieira ou Neusa Andrade. Diante disso, sugerimos que essa ausência pode ter se dado pelo fato de o campo médico ainda estar restrito aos homens, haja vista a pouca inserção das mulheres nessa área, diferentemente da educação e da literatura. Mesmo com dificuldades de encontrarmos fontes que nos auxiliassem a entender essa fase da trajetória intelectual de Eudésia Vieira, ainda conseguimos encontrar alguns dados que nos remetem ao período em que ela estudou medicina e atendeu como médica na Paraíba.

⁵ O movimento foi fundado na França pelo padre Claudio Allez, em 1894. Na ocasião, em referência à noite de Natal, circulou a revista intitulada *Le Noel*. Os objetivos dessa revista eram reconhecer o potencial feminino na recristianização da sociedade e incentivar a amigável juventude feminina. No Brasil, essas ideias foram incentivadas por dom Sebastião Leme e na Paraíba por dom Adauto Miranda (Gomes, 2015; Mesquida, 2017).

Como representante da Faculdade de Medicina do Recife, Eudésia Vieira fez parte da comissão de oradores da solenidade de falecimento, em alusão a um ano da morte de João Pessoa, no IHGP. A referida comissão, com exceção de Vieira, era composta por homens como Irineu Pinto, sócio-fundador; Luíz Pinto, representante da imprensa; José Rodrigues pela Faculdade de Direito do Recife; Gilberto Osório, Maciel e Malta Maranhão (Guimarães, 1998). Isso sugere que, apesar de ser reconhecida pelos seus pares do IHGP, a personagem tinha uma atuação isolada, enquanto outras mulheres ainda viviam no anonimato.

Ainda no mesmo período, encontramos indícios de sua participação no Segundo Congresso de Médicos na cidade do Recife. No evento, Eudésia Vieira teve a oportunidade de apresentar a pesquisa que vinha desenvolvendo nessa área. O episódio foi noticiado pelo *Jornal Pequeno*, em 18 de outubro de 1934⁶. O periódico divulgou que o evento havia ocorrido na Maternidade do Recife e foi presidido pelo médico e professor da Faculdade de Medicina, Selva Júnior. Na listagem dos trabalhos apresentados, constavam o de Eudésia Vieira e de Neusa de Andrade: ‘Syndrome de Schickelê’ e ‘Notas sobre a placenta baixa’, respectivamente.

Eudésia Vieira concluiu seu curso em 1934, sendo nomeada a primeira doutora da Paraíba e da Faculdade de Medicina do Recife, por ter defendido a tese de igual título apresentado no congresso mencionado. Por causa desse feito, partilhou, com Neusa de Andrade, a atuação médica na Paraíba (Guimarães, 1998; Medeiros, 2014). A tese apresentada dava ênfase a “[...] um conjunto de alterações da dinâmica uterina que podem ocorrer durante o parto, afetando seu processo natural” (Medeiros, 2017, p. 16).

No *Almanak Leammert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) – 1891 e 1940*, na coluna dos médicos, na secção João Pessoa, consta que Eudésia Vieira manteve consultório no endereço rua Duque de Caxias, n. 516, e Neusa Andrade, na rua Barão do Triunfo, n. 333. Sales e Silva (2008) destacam que o endereço do consultório de Eudésia Vieira era na sua própria residência.

O saber sobre a ginecologia e pediatria foi elaborado pela ciência médica em franca legitimação no século XIX. Martins (2004) ressalta que os primeiros profissionais que se dedicaram a essa área de conhecimento o fizeram tomando como base a experiência das parteiras. Pelo fato de envolver dor e sangue, a questão da saúde feminina era para ser tratada pelas próprias mulheres e seus rituais, contudo, com a ascensão da medicina, as parteiras foram desqualificadas pela legitimação dos saberes científicos que contrapunham os saberes populares (Martins, 2004; Wollstonecraft, 2016).

⁶ O referido impresso foi fundado por Thomé Gilson e seu diretor era Romeu Medeiros, o próprio jornal se anunciava como independente e noticioso. Sua redação ficava localizada na Rua do Imperador Pedro II, n. 309, na cidade de Recife.

Em 1933, um ano anterior à formação em Medicina de Eudésia Vieira e Neusa de Andrade, encontramos anunciados no jornal, *A União*, os serviços de duas parteiras na capital do Estado: Antonieta Pontes, que atendia na rua S. Elias, n. 116, e Luzia Pinheiro, que prestava seus serviços na avenida General Osório, n. 114, telefone 47. Nesse contexto, é possível imaginarmos que o diploma obtido pelas novas médicas tenha lhes possibilitado legitimidade social. Com isso, não sugerimos que a atuação das parteiras havia se extinguido, mas ambas as atuações coexistiram no mesmo cenário.

Por um lado, é bem provável que o diploma baseado no saber médico conferiu às formadas o destaque que, naquele momento, era atribuído em sua maioria aos homens. Por outro lado, também reabilitava as médicas à identidade feminina das parteiras, as quais tiveram por muito tempo a detenção do saber sobre o corpo feminino.

A atuação de Eudésia Vieira e Neusa de Andrade, conjuntamente com as outras médicas no país, nos sugere que a dedicação à saúde da mulher e das crianças foi um ponto de comunhão das primeiras gerações de médicas brasileiras, sendo possível apontarmos para uma rede de solidariedade feminina e de reabilitação da figura tradicional da mulher cuidadora. Nesse sentido, essas constatações também nos levam a entender o fato da pouca visibilidade nos espaços de sociabilidade intelectual da medicina, haja vista se tratar também de questões voltadas às próprias mulheres (Martins, 2004).

O movimento de enfretamento social protagonizado pelas primeiras médicas no Brasil também pode ser observado em outras experiências similares à de Eudésia Vieira, como, por exemplo, o caso de Alzira Reis (1886-1970). Essa personagem, contemporânea de Vieira, foi a primeira médica mineira.

Alzira Reis também se formou pela Escola Normal de Minas Gerais e se inseriu na vida pública por meio da atuação no magistério. Conforme Martins (2014), Alzira Reis tinha o objetivo de ingressar no curso de Farmácia em Ouro Preto, mas não obteve o consentimento da mãe em razão da difamação dos estudantes daquela cidade, indicando a tendência da época em que muitas mulheres enfrentaram obstáculos para realizarem o curso superior.

Em 1920, finalmente, Alzira Reis ingressou na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, no entanto a médica não viveu dias fáceis como estudante de medicina na capital mineira, nesse período, sofreu preconceitos de colegas e professores. Martins (2014) denunciou dois episódios de preconceito que aconteceram com Reis.

O primeiro ocorreu quando Reis foi convidada, pelo diretor da faculdade, a desistir do curso e, como oferta, regressaria para a faculdade de Farmácia e a ela seria oferecida uma vaga de docente ao término do curso. Como Reis não havia aceitado, foi reprovada na cadeira de química, justamente a ministrada pelo referido diretor. O segundo acontecido se referiu aos constrangimentos por que Alzira Reis

passava nas aulas de anatomia, sobre isso, consta em suas memórias que ela ouvia muitas piadas. Além disso, sua neta revelou, em entrevista a Martins (2014), que, numa das ocasiões, foi lhe dado, pelo professor responsável da disciplina, um pênis para dessecar.

No mesmo período em que Eudésia Vieira e Alzira Reis se lançavam na área médica, Itala Silva de Oliveira (1897-1984) se tornaria a primeira médica do Estado de Sergipe. Itala S. de Oliveira iniciou seus estudos no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Aracajú, capital do Estado de Sergipe. Esse estabelecimento de ensino confessional foi responsável pela educação das jovens da elite local (Freitas, 2003).

Nesse sentido, a primeira etapa da escolarização de Oliveira se assemelhou bastante à de Eudésia Vieira que também fez seu curso primário em escola feminina católica. Sobre esse ponto, Freitas (2003, p. 81, grifo do autor) nos diz que “[...] A educação moral e religiosa, é enfatizada pelo desenvolvimento de virtudes e de uma certa ‘modelagem’ para futuros papéis, geralmente relacionados com o espaço doméstico, o casamento e a maternidade”.

No entanto, o caminho realizado por Itala S. de Oliveira até o curso superior não seguiu a mesma ordem de suas contemporâneas, Eudésia Vieira e Alzira Reis. A primeira optou por estudar no Atheneu de Sergipe, estabelecimento de ensino que se equiparava ao Ginásio Nacional (RJ), cujo programa de estudo preparava para as faculdades do país (Freitas, 2003).

Apesar dessa nuance, Itala S. de Oliveira seguiu o fluxo dessa geração e teve sua primeira atuação profissional como professora. Em 1921, mudou-se para o Estado da Bahia para frequentar o curso de Medicina e, no ano de 1927, recebeu o grau de doutora pela defesa da tese *Da sexualidade e da educação sexual*. No período em que estudou na faculdade, Freitas (2003) menciona que a personagem encontrou um ambiente favorável, diferentemente de Alzira Reis (Martins, 2014).

Dessa forma, a trajetória educacional dessas mulheres são exemplos de transgressão dos papéis femininos socialmente aceitos, mesmo que, com isso, seja possível percebermos certa manutenção da figura tradicional da mulher cuidadora, como argumentamos em linhas anteriores. Diante do exposto, é possível compreendermos que houve similaridades entre as trajetórias das primeiras médicas brasileiras, entre as quais Eudésia Vieira configura participação importante. Nesse sentido, destacamos três elementos importantes partilhados pelo microclima intelectual dessa geração feminina (Sirinelli, 2003).

O primeiro corresponde à afirmação pela educação feminina: essas personagens, ao ingressarem no ensino superior, desbravaram um espaço interdito para as mulheres, rompendo com as teorias da desigualdade entre os sexos e legitimando-se como parte de uma elite intelectual de médicos/as. O segundo foi o engajamento nos espaços de sociabilidade da escrita ordinária, como

os jornais e as revistas, algumas publicaram livros também, além da participação em diversas associações.

Por fim, corroboramos a explicação de Freitas (2003) que percebeu similaridades na maneira como essas mulheres costuraram suas experiências profissionais. A geração de médicas formadas no século XX teve sua primeira atuação na carreira docente e, após completarem, mais ou menos 30 anos de idade, ingressaram nas faculdades de Medicina, passando a se dedicar à saúde das mulheres e das crianças. Ou seja, é possível indicarmos que a formação superior aconteceu de modo tardio na trajetória dessas mulheres, após terem se firmado na cena pública por meio da atuação do magistério.

Na esteira desse argumento, acrescentamos em nossa interpretação as imbricações a partir das representações de gênero, pois o ato de cuidar tem um significado histórico e social importante para construção da identidade feminina, sendo, portanto, chave de leitura para entendermos a atuação de Eudésia Vieira e das demais intelectuais médicas do período (Martins, 2004; Almeida, 2006; Telles, 2011; Louro, 2014).

Por um lado, o argumento da naturalização das mulheres para cuidar do próximo as reduzia às práticas domésticas e religiosas; por outro lado, as mulheres incorporaram o cuidar na atuação pública das professoras e das médicas, legitimando sua importância social.

Com isso, é possível indicarmos que as contradições impostas pela racionalidade científica, reconhecida pela masculinidade, e as manifestações da subjetividade feminina, como o cuidar, são transpostas quando as mulheres ocupam posições sociais masculinas reabilitando o sentido feminino em sua atuação. As estratégias assumidas por Eudésia Vieira, para se forjar uma intelectual reconhecida, fizeram com que a personagem tenha optado pela medicina, encontrando, nessa profissão, uma linha de atuação feminina e para a causa das mulheres.

Apesar de a literatura médica da época corroborar a falta de incapacidade das mulheres, o saber e a experiência médica se consolidaram pela tarefa de cuidar da vida de outras pessoas (Martins, 2004). No bojo dessa aparente dicotomia, as mulheres encontraram frestas para reabilitar a capacidade intelectual que a ciência moderna lhes negou (Louro, 2014). Em seguida, procuramos compreender o projeto reformista cristão, defendido por Eudésia Vieira.

EDUCAR E REFORMAR: MATERNIDADE CÍVICA E ASSISTÊNCIA SOCIAL

O saber médico travou longa e extensa disputa sobre a hegemonia dos cuidados e da higiene do corpo contra os saberes populares predominantes. Essas ideias ultrapassavam a questão meramente de saúde física, mais que isso, era

preciso reformar a sociedade constituindo uma nova moral para os costumes e hábitos. Dessa forma, acreditava-se que o conhecimento científico auxiliaria a nação na civilização e modernização das suas instituições e do seu povo (Martins, 2004; Carula, 2012).

Sobre a questão feminina, era necessário conscientizar as mulheres sobre a maternidade, desde a concepção de filhos saudáveis até a alimentação e amamentação das crianças. Além disso, também precisava educar as mulheres para serem boas mães que deveriam ser as primeiras a instruírem seus/suas filhos/as para se tornarem o futuro da nação (Martins, 2004; Carula, 2012).

O diploma de médica, associado com a experiência de educadora reconhecida, conferiu a Eudésia Vieira o destaque intelectual no cenário hostil às mulheres, mas foi o repertório religioso que possibilitou à personagem transitar na cena pública, como representante das conquistas femininas, sem ter sua reputação maculada. Eudésia Vieira defendeu um projeto de reforma social calcado na referência da ciência e da religião para o engrandecimento do papel das mulheres na sociedade.

Mesquida (2017) explica que a Igreja Católica brasileira, em especial sob a liderança de dom Sebastião Leme, não perdeu a oportunidade de estimular as mulheres para se somarem na defesa da pátria cristã. Gomes (2015) estudou o movimento noelista na Paraíba, nas primeiras décadas do século XX, e registrou a participação ativa de Eudésia Vieira. Com postura mais conservadora, as intelectuais católicas também fizeram parte do movimento sufragista - o voto feminino era um instrumento importante para reforma da nação cristã que havia perdido seu poder com a separação oficial do regime republicano entre Estado e Igreja (Gomes, 2015; Mesquida, 2017; Orlando, 2017).

Campos (2009) nos chama a atenção para as relações plurais que atravessavam as defesas da elevação do lugar social da mulher. Portanto, verificamos que as feministas ligadas às ideias sufragistas e às da Igreja Católica não conseguiram, com exceção das abolicionistas, liderar grandes projetos sociais que envolvessem efetivamente a participação das mulheres pobres e operárias. Tais advertências, consideradas por Campos (2009), também são possíveis de serem identificadas nas ideias eudesianas, pois a personagem se dirigia para um público feminino letrado e religioso.

Por um lado, Eudésia Vieira assumiu posição positiva sobre o lugar que as mulheres deveriam ocupar na sociedade, defendendo equivalência e relevância social entre mulheres e homens; por outro lado, compreendia o ideal feminino a partir do repertório cristão, conciliando a vida doméstica com a vida pública, incentivando as mulheres a atuarem em favor da família e da nação catolicizada.

Nesses termos, Eudésia Vieira optou por divulgar o ideal que promulgava a religião católica como salvadora da pátria, a educação como regeneração dos excluídos e a maternidade cívica como função primordial da mulher brasileira

(Telles, 2011; Gomes, 2016). Em 1922, no jornal *O Educador*, publicou o artigo *A Família*, que endossava a articulação dos ideais cristãos e científicos. Para Vieira (1922a, p. 2), opor ciência e religião era uma falsa dicotomia:

[...] a meia sciencia tornou o homem soberbo e o afasta de Deus, enquanto que a sciencia plena a torna humilde e o approxima do seu criador. Destarte, opor-se-ão sem grandes esforços o aperfeiçoamento dos costumes, a felicidade da família, o progresso das classes sociaes, dando em seu conjunto como resultados positivos o triumpho compensador da nação brasileira victoriosa e feliz!

Essa postura marcava bem seu posicionamento intelectual no debate público, não havendo oposição entre a religião e a ciência ou entre a mulher na esfera privada e a mulher na esfera pública. Na esteira desse argumento, no texto ‘A mulher’, escrito para a revista *Era Nova*, também publicado em 1922, ressaltou que o conflito entre homem e mulher, ocasionado pela dominação masculina, deveria desaparecer, pois esse não era o verdadeiro propósito de Deus e nem se justificava pela ciência.

Para Vieira (1922b), o criador concebeu homens e mulheres para serem companheiros em todos os aspectos da vida social, mas a ganância de alguns homens fez com que estes subjugassem as mulheres, corrompendo os propósitos divinos. Portanto, Eudésia Vieira (1922a, 1922b) defendia que ambos deveriam se unir num matrimônio harmonioso para serem exemplos de cidadãos a serem seguidos pelos seus/suas filhos/filhas. Como extensão dessa relação, os/as professores/professoras agiriam como reflexo da família.

Na esteira desse repertório, em 1948, Eudésia Vieira continuava apostando na conciliação entre religião e ciência. No jornal católico *A Ordem*, do Rio Grande do Norte, publicou um artigo intitulado ‘Intervenção criminosa’, na página ‘Pelo Mundo Feminino’. O texto teve como tema central a interrupção da vida intrauterina. Para tanto, Vieira (1948) iniciou o seu artigo recordando um episódio vivido 11 anos antes, quando ainda era estudante de medicina, num grande hospital do Rio de Janeiro: “Pela Primeira vez eu assistia aquela cena lastimável. Teoricamente conhecia os processos a empregar, mas nunca presenciara algo semelhante. Experimentei uma sensação de atordoamento, embora fosse apenas espectadora” (Vieira, 1948, p. 3).

Com isso, Vieira (1948) buscava trazer à baila seus conhecimentos de médica, mas também incluiu seu ponto de vista como cristã, explicando aos seus/suas leitores/as que foi tomada pelos sentimentos de angústia e revolta, pois sua vontade era denunciar o que estava ocorrendo clandestinamente naquele espaço. Narrou que o procedimento foi realizado numa jovem mulher por um dos médicos do estabelecimento e seu assistente.

Martins (2004) explica que foi somente no início do século XX que as Faculdades de Medicina tiveram espaços adequados para os estudantes exercerem os saberes empíricos da obstetrícia e da ginecologia. Nesse período, foram edificadas as primeiras maternidades em território nacional, pois antes nem havia enfermarias adequadas para receber as mulheres em trabalho de parto nos hospitais.

Um dado biográfico importante da vida de Eudésia Vieira nos leva a entender como a saúde das grávidas corria risco no período estudado, pois a própria personagem foi vítima dessa realidade precária, tendo perdido nove filhos (Pereira, 2007; Sales & Silva, 2008; Medeiros, 2017). Não sabemos a causa específica do ocorrido, contudo é possível imaginarmos que a falta de aparatos médicos tenha contribuído com os episódios.

Vieira (1948), por meio da sua escrita, denunciou o aborto, fazendo críticas e profecias severas ao médico e à mulher, acusando-os de infanticídio. Para o médico disse: “Médico! Prometeste zelar pela saúde do próximo, esforçando-te para salvars da morte os que te procurassem, semeando a esperança, a alegria e a vida no teu caminho. Tornaste perjuro, criminoso, desonesto” (Vieira, 1948, p. 3). Para a mulher, sentenciou:

Mãe! Merecerás realmente esse nome santo? Onde as plantas cujos frutos são colhidos antes da maturidade? Jamais terás um corpo sadio, jamais a tua alma se sentirá feliz, porque traz o estigma do pecado mortal. Já ouviste falar no climatério, na menopausa? Se chegares até lá serás assediada por um cortejo de amarguras físicas e espirituais.

Com isso, compreendemos que autora utilizou sua posição de médica para endossar as opiniões religiosas propagadas no periódico. A Igreja Católica, naquele momento, já havia reconhecido as conquistas femininas, contudo era preciso incentivar um movimento feminino católico, com suas próprias intelectuais mediadoras, para formar a opinião pública necessária calcada nos valores da pátria cristã (Magaldi, 2008; Gomes & Hansen, 2016; Mesquida, 2017; Orlando, 2017).

Magaldi (2008) estuda a questão feminina veiculada na revista católica *A Ordem*, publicada no Rio de Janeiro. Com o mesmo nome do jornal do Rio Grande Norte, no qual Eudésia Vieira (1948) publicou o texto ‘Intervenção criminosa’, os impressos tinham linhas editoriais bastante similares. Nesse sentido, compreendemos que o movimento católico em todo o país seguia orquestrado com a finalidade de disseminar os valores cristãos nos setores mais amplos da intelectualidade brasileira, discutindo temas como cultura, política, saúde e educação (Magaldi, 2008).

Eudésia Vieira (1948), na esteira desse movimento, ao tratar do tema do aborto, utilizou o repertório do saber médico associado à moral religiosa, buscando chamar a atenção dos/as seus/suas leitores/as para a defesa da maternidade. Para

Vieira (1948, p. 3), o propósito de Deus e da ciência consistia no dever das mulheres de servir à pátria como mães saudáveis e zelosas: “Senhoras! Por favor procurai sentir o peso tremendo das vossas responsabilidades. Sêdes brasileiras, sêde cristãs. Dai frutos para os céus, sendo generosas para Deus e para com a Pátria. Honrai a memória das vossas avós”.

O debate sobre o aborto foi um tema recorrente: em 1911, por exemplo, o médico, Antonio F. da Costa explicou as causas que levavam as mulheres a fazer o procedimento de interromper a gravidez. O médico, em todos os casos, qualificava a atitude feminina como depravação do meio social (Fernandes, 2004).

Conforme Fernandes (2004), o aborto, no início do século XX, era praticado, mesmo que clandestinamente, pelas mulheres que se utilizavam de métodos caseiros com a ajuda de parteiras. As parteiras que auxiliavam nesse procedimento eram conhecidas como ‘curiosas’, pois não tinham a legitimidade do diploma. Assim como nos dias atuais, essa prática, pela precariedade com que era realizada, levava muitas mulheres à morte.

Ainda sobre esse assunto, Fernandes (2004) analisou uma crônica de Lima Barreto intitulada de *A Lei*, escrita no ano de 1915. Lima Barreto narrou o episódio em que duas mulheres se envolveram na prática do aborto, sendo ambas severamente punidas. A primeira mulher havia engravidado numa relação extraconjugal e, com receio de perder a guarda da filha, procurou uma ‘curiosa’ para ajudá-la. A segunda mulher, em solidariedade à sua amiga, a ajudou no procedimento que levou à morte desta. Como desfecho do caso, a ‘curiosa’ foi presa e se suicidou na cadeia.

Na contramão das ideias eudesianas, o autor de *Triste fim Policarpo Quaresma* questionava a lei que puniu rigidamente as duas mulheres. De um lado, levou uma à morte por ter interrompido a gravidez. Do outro lado, a cúmplice também morreu, pois se encontrava numa situação não antes imaginada por ela. Ou seja, a lei que era utilizada pelos moralistas para proteger a vida acabava por permitir que três vidas se encerrassem: a do feto, a da mãe e a da parteira (Fernandes, 2004).

Diante disso, é possível destacarmos dois fatores importantes das interpretações por nós empreendidas sobre o referido assunto. O primeiro fator corresponde ao tema explanado por Eudésia Vieira e Lima Barreto: o aborto e a condição feminina na sociedade. Mesmo com a razoável distância que separa seus escritos, compreendemos que o assunto dividiu a opinião dos intelectuais, em que ambos apresentaram pontos de vistas diferenciados. Como desdobramento, o segundo fator diz respeito, justamente, às posições assumidas por Lima Barreto e Eudésia Vieira, o que nos provoca a explorar como o debate das representações de gênero foi incorporado no repertório dos dois intelectuais.

Lima Barreto, em 1915, escreveu sobre assuntos ligados à intimidade da experiência feminina como a sexualidade, as relações extraconjugais, o corpo e a

cumplicidade entre as mulheres, ainda pouco explorado pela literatura da época. Enquanto isso, em 1948, Eudésia Vieira, uma mulher pioneira na cena pública da Paraíba que precisou quebrar diversas barreiras impostas ao seu sexo, dedicando boa parte da sua produção para enaltecer a importância da figura da feminina na sociedade, defendeu a maternidade incondicional como ato de civismo e amor a Deus.

O primeiro buscou capturar ambiguidade da lei que punia demasiadamente as condutas femininas. A segunda escolheu punir duplamente os que praticaram tal ato: pela lei dos homens e pela lei divina. Ou seja, a forte correspondência que se faz entre as mulheres e o discurso dos oprimidos e os homens e o discurso dos opressores depende, inexoravelmente, das escolhas e dos repertórios que são postos no debate público. Por isso, Louro (2014) adverte sobre a importância de se avaliar os contextos e as posições assumidas nas relações de gênero para que não tenhamos uma interpretação simplista das disputas em jogo.

Além da defesa da maternidade, o projeto de reforma social defendido por Eudésia Vieira passou também pelo compromisso de dar voz aos excluídos. Para tanto, desenvolveu atividades de alfabetização com penitenciários, fazendo de sua atuação pública também o exercício da caridade (Sales & Silva, 2008; Medeiros, 2017). Como nos indica Magaldi (2008), desenvolver a educação nos presídios ou com jovens delinquentes fez parte de um conjunto de ações também liderado pela vanguarda feminina católica.

Eudésia Vieira exerceu a função de coordenadora do setor da assistência social da penitenciária modelo da Paraíba. Na ocasião, criou grupos de alfabetização, uma biblioteca e uma oficina-escola com curso de marcenaria destinado aos detentos. Por causa desse feito, ficou conhecida pelos seus ideais humanistas, sendo, também, muito querida pelos presidiários (Sales & Silva, 2008; Medeiros, 2017).

Esse episódio, para Sales e Silva (2008), conforma a verdadeira vocação da intelectual: a dedicação à educação e o cuidado com o próximo. Para Medeiro (2017), essa fase da trajetória de Eudésia Vieira representa sua imensa bondade, atributo que permeava as ações de uma heroína. Para nós, a atuação de Eudésia Vieira estava afinada com sua inserção no contexto das intelectuais católicas que defendiam essa bandeira de reforma social.

Eudésia Vieira se dedicou às atividades educacionais da penitenciária modelo e, numa dessas ocasiões, foi surpreendida pelos detentos que organizaram um recital natalino no estabelecimento. Na ocasião, um presidiário, acusado de assassinar sua esposa, recitou o soneto *Suplica num túmulo*, de Augusto dos Anjos, na íntegra, deixando a personagem, os políticos e intelectuais presentes bastante emocionados com o trabalho realizado (Sales & Silva, 2008; Medeiros, 2017).

Sobre esse momento da sua trajetória, Vieira (1952, p. 59) escreveu *Poema do sentenciado*, denunciando que a delinquência não é obra do acaso, mas consequência social do analfabetismo e da falta de estrutura familiar:

Fez o mal. Sim, o fez. Mas é analfabeto.
Filho de um ébrio, um louco, um pária sem guarida...
Talvez órfão de mãe, em busca de um afeto.
Que jamais lhe orvalhou o coração na vida.

Seu crime é tão somente a estrita consequência.
De um frustrado ideal sem Deus e sem destino.
Ajudá-lo deveis nas horas de premência,
Pois se é humano cair, levantar-se é divino.

A equação dos descasos sociais geraria a má conduta dos presos que se encontravam privados da sua liberdade e alvos do preconceito social. Para tanto, sua regeneração viria pela educação baseada nos princípios católicos de que todo ser humano é passível de cometer erros e as mudanças de conduta constituíram uma dádiva divina.

Desse modo, associando ciência e religião, Eudésia Vieira deu sentido às ações propostas pelo projeto de reforma social que defendia: de um lado, destacando o papel da maternidade com grande relevância para a nação e, de outro, trazendo a bandeira da educação como regeneração para se superar os males da sociedade. Em seguida, apresentaremos algumas considerações sobre as interpretações realizadas sobre a medicina e os temas abordados por Eudésia Vieira na sua trajetória intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória intelectual de Eudésia Vieira se insere nas narrativas educacionais das mulheres na transição do século XIX para o século XX. A singularidade da sua biografia pode ser captada pelos deslocamentos sociais que realizou no processo que a levou do magistério até a medicina. Contudo, tais particularidades também representam um movimento geracional de mulheres que tiveram acesso ao ensino superior. As similaridades entre os itinerários de formação podem ser identificadas pelas escolhas e repertórios utilizados por essas mulheres. Nesse sentido, a dimensão do cuidar do outro se torna uma chave de leitura fundamental (Bourdieu, 1998; Freitas, 2003; Sirinelli, 2003; Martins, 2004; Almeida, 2006; Duarte, 2010; Louro, 2014; Martins, 2014).

A medicina, portanto, foi uma escolha possível àquele período singular, haja vista a forte ligação entre a profissão e a vocação para cuidar de outras pessoas. Apesar das barreiras de gênero impostas pela sociedade, Eudésia Vieira e outras médicas do período encontraram na especialidade da ginecologia e pediatria uma

maneira de legitimar o conhecimento feminino que, no primeiro momento, era de domínio das parteiras, mas, que, com o advento da ciência, estas perderam o espaço (Martins, 2004; Carula, 2012).

Nesse sentido, nossa interpretação leva em consideração que, de um lado, o ideal do cuidado gerou o problema de gênero sobre a superioridade masculina para as atividades políticas e científicas, como também engessou a identidade feminina na figura daquela que cuida e da identidade masculina daquele que detém o poder; por outro lado, permitiu que as mulheres remodelassem esse ideal para assegurarem sua participação nos espaços públicos. Além disso, refletir sobre o ideal feminino do cuidado nos auxilia também a entendermos os projetos educacionais para as mulheres em disputa no Brasil naquele momento (Martins, 2004; Louro, 2014).

Eudésia Vieira, ao atuar como médica e educadora, optou pelo repertório que conciliava religião e ciência. Para tanto, defendeu um projeto de reforma social que valorizasse o papel das mulheres como provedoras de filhos saudáveis para nação brasileira, promulgou direitos iguais para homens e mulheres sob o valor de Deus e da ciência e defendeu a regeneração dos excluídos sociais pela educação cristã. Portanto, seus deslocamentos na cena pública reforçaram a identidade feminina propagada por alguns setores da sociedade liderados por intelectuais da igreja católica e nacionalistas que compreendiam o potencial civilizatório da mulher (Magaldi, 2008; Mesquida, 2017; Orlando, 2017). Em outra medida, contrariou as ideias científicas correntes, desde o século XIX, que tratavam a mulher como inferior e inaptas às capacidades intelectuais (Duarte, 2010; Telles, 2011; Louro, 2014; Galvínio, 2019).

Como médica e educadora cristã, Eudésia Vieira utilizou sua posição social para levar a cabo os ideais renovados da igreja e fez críticas severas à prática do aborto. Nesse sentido, é possível fazer três ponderações sobre o debate: primeiro, que as causas e as consequências do aborto nos remontam à falta de assistências médica do período; segundo, que a ciência propagada na época corroborava com os ideais religiosos, os quais desprezavam a decisão e os motivos das mulheres que o praticavam; terceiro, que Eudésia Vieira, apesar de ter sofrido nove abortos, ao escrever sobre o tema no jornal *A Ordem*, silenciou sobre sua experiência.

Por fim, entendemos que Eudésia Vieira, na condição de mulher letrada, buscou adentrar espaços masculinos profissionais e intelectuais do período, enfrentando, portanto, diversos obstáculos. Mas, mesmo assumindo lugar de destaque nesses espaços, sua condição feminina e feminista residiu nas escolhas teóricas e políticas que realizou, envolvendo-se com a questão da mulher do seu tempo.

REFERÊNCIAS

- Almeida, J. S. (2006). Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In D. Saviani (Org.), *O legado educacional do século XX no Brasil* (p. 75-91). Campinas, SP: Autores Associados.
- Alonso, A. (2002). *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Barbosa, S. F. P. (2009) *Pequeno dicionário dos escritores/jornalistas da Paraíba do século XIX: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubriand*. João Pessoa, PB.
- Borges, V. P. (2006). Fontes biográficas. In C. B. Pinsky (Org.), *Fontes históricas* (p. 210-224). São Paulo, SP: Contexto.
- Bourdieu, P. (1998). A ilusão biográfica. In M. M. Ferreira & J. Amado (Orgs.), *Usos e abusos da história oral* (p. 184-195). Rio de Janeiro, RJ: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Campos, R. D. (2009). *Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940): educação e história*. São Paulo, SP: Ed. UNESP.
- Campos, R. D. (2012). No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, (12), p.45-70.
- Carula, K. (2012). *Darwinismo, raça e gênero: conferências e cursos públicos no Rio de Janeiro (1870-1889)* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cunha, L. A. (2010). Ensino superior e universidade no Brasil. In E. M. T. Lopes, F. L. M. Faria & C. G. Veiga (Orgs.), *500 anos de educação no Brasil* (p. 151- 204). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Duarte, C. L. (2010). A ficção didática de Nísia Floresta. In E. M. T. Lopes, F. L. M. Faria & C. G. Veiga (Orgs.), *500 anos de educação no Brasil* (p. 291- 324). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Faria, T. D. (2010). A mulher e a criminologia: relações e paralelos entre a história da criminologia e a história das mulheres no Brasil. In *Anais do Encontro Nacional do CONPEDI* (p. 1111-1123), Fortaleza, CE.

- Fernandes, A. H. C. (2004). O feminismo nas crônicas de Lima Barreto – Rio de Janeiro 1905-1922. In *Anais do 7º Encontro Regional de História: o lugar da história* (p. 2060-2073). Campinas, SP.
- Freitas, A. G. B. (2003). *Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.
- Gadamer, H. (2008). *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Galvêncio, A. S. (2019). *A trajetória intelectual de Eudésia Vieira: educação, feminismos e história pátria (1922-1955)* (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.
- Galvêncio, A. S., Espíndola, M. L., & Costa, J. C. C. (2018). A Universidade popular na Parahyba do Norte: reflexões sobre o direito das mulheres. *Revista HISTEDBR On-line*, (18), p.43-69.
- Garcia, C. C. (2011). *Breve história do feminismo*. São Paulo, SP: Claridade.
- Gomes, A. (2009). *A República, a história e o IHGP*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm.
- Gomes, A., & Hansen, P. S. (2016). Introdução. In: A. Gomes & P. S. Hansen (Orgs.), *Intelectuais mediadores: práticas e ação política* (p. 07-25). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Gomes, A. C. (2016). Aventuras e desventuras de uma autora e editora portuguesa: Ana de Castro Osório e suas viagens ao Brasil. In A. C. Gomes & P. S. Hansen (Orgs.), *Intelectuais mediadores: práticas e ação política* (p. 93-111). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Gomes, J. B. S. (2015). *A família cristã católica: o movimento noelista na Paraíba (1931-1945)* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Gonçalves, A. L. (2006). *História & gênero*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Guedes, L. (1933). A mulher parahybana: seu desenvolvimento intelectual. *Brasil Feminino*, (12), p. 70-73.
- Guimarães, L. H. (1998). *História do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*. João Pessoa, PB: Editora Universitária.

- Louro, G. L. (2014). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Magaldi, A. M. B. M. (2008). Vozes católicas um estudo sobre a presença feminina no periódico A Ordem (1930-1940). In Y. L. Lôbo & L. Faria (Orgs.), *Vozes femininas do Império e da República* (p. 23-38). Rio de Janeiro, RJ: Quartet.
- Martins, A. P. V. (2004). *Visões do feminino: a medicina da mulher no século XIX e XX*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz.
- Martins, I. L. (2014). Biografia, memória e gênero: a história de Alzira Reis, a primeira médica mineira. In Y. L. Lôbo & L. Faria (Orgs.), *Histórias de vida, gênero e educação* (p. 57-72). Curitiba, PR: CVR.
- Medeiros, J. E. M. (2014). *Dicionário Biográfico dos médicos da Paraíba*. João Pessoa, PB: Grafique.
- Medeiros, N. (2017). *Eudésia Vieira em quadrinhos*. João Pessoa, PB: Patmos Editora.
- Mesquida, P. (2017). Stella de Faro: uma luz no caminho da restauração católica. In E. A. Orlando (Org.), *História da Educação Católica no Brasil e em Portugal* (p. 101-118). Curitiba, PR: Appris.
- Orlando, E. A. (2017). Maria Junqueira Schimidt e os caminhos de uma trajetória intelectual pela palavra impressa. In E. A. Orlando (Org.), *História da educação católica no Brasil e em Portugal* (p. 119- 140). Curitiba, PR: Appris.
- Pereira, J. B. (2007). *Mulheres símbolos*. João Pessoa, PB: Editora Universitária/UFPB.
- Pinsky, C. B., & Pedro, J. M. (2012). *Nova História das mulheres*. São Paulo, SP: Contexto.
- Sales, A. M. C., & Silva, E. S. (2008). *Eudésia Vieira: rompendo o silêncio*. João Pessoa, PB: Editora Universitária (UFPB).
- Schumacher, S., & Ceva, A. (2015). *Mulheres no poder: trajetória na política a partir das sufragistas do Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Edições de Janeiro.
- Sirinelli, J. (2003). Os intelectuais. In: R. Rémond (Org.), *Por uma história política* (p. 223-241). Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.
- Telles, N. (2011). Escritoras, escritas, escrituras. In M. D. Priore & C. B. Pinsky (Orgs.), *História das mulheres no Brasil* (p. 401-442). São Paulo, SP: Contexto.

Vieira. E. (1952). *Cerne contorcido*. Paraíba, PB: [s.n.].

Vieira. E. (1922a). A família. *O Educador*. p. 2.

Vieira. E. (1948). Intervenção criminosa. *A Ordem*. p. 3.

Vieira. E. (1922b). A mulher. *Era Nova*. p. 09-19

Wollstonecraft, M. (2016). *Reivindicação dos direitos da mulher*. São Paulo, SP: Boitempo.

AMANDA SOUSA GALVÍNCIO é doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Departamento de Fundamentação da Educação da Universidade Federal da Paraíba. Desenvolve pesquisas na área de História da Educação com ênfase em História dos Intelectuais, das Mulheres, das Crianças e Infâncias.

E-mail: amanda_galvinctio@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4277-4077>

JEAN CARLO DE CARVALHO COSTA é doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Possui Estágio Pós-Doutoral Sênior pelo Instituto de Educação, na área de História da Educação, na Universidade de Lisboa. Professor Associado IV do Departamento de Fundamentação da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Desenvolve pesquisas sobre História Intelectual e dos Intelectuais, História Conceitual, Teoria e História da Educação.

E-mail: jeancosta@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-6930-8607>

Recebido em: 06.06.2020

Aprovado em: 05.10.2020

Publicado em: 17.12.2020

Editor-associado responsável:

Ana Clara Bortoleto Nery (UNESP)

Email: neryanaclara@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6316-3243>

Como citar este artigo:

Galvêncio, A. S., & Costa, J. C. C. O cuidar como profissão das mulheres: ensino superior e representação de gênero na trajetória intelectual de Edudésia Vieira. (2021). *Revista Brasileira de História da Educação*, 21. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v21.2021.e149>

Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4).